

catálogo memorial

identidade
resistente

catálogo memorial
identidade
resistente

Pesquisa e Memória do Povo Negro
em Quixeramobim / Ceará

REALIZAÇÃO



APOIO

Este Projeto é apoiado pela
Secretaria Estadual de Cultura
Lei nº 13.811 de 16 de agosto de 2006



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

APRESENTAÇÃO

Partimos de memórias de indivíduos nunca isolados a fim de construirmos uma memória coletiva do que seria também uma história local. Este projeto propõe ser a ponta de lança de uma pesquisa histórica - iconográfica - a fim de registrar e dar materialidade à memória de sujeitos - pretas e pretos - que habitam a cidade de Quixeramobim no estado do Ceará.

Realizamos a produção de um acervo-memorial da história destas pessoas através de entrevistas, fotografias e materiais de arquivos. Nos propomos a reunir todas essas histórias-memórias em uma plataforma digital.

Este catálogo-zine reuni algumas fotografias, textos e processos da construção e da realização deste projeto.

Quando começamos a pensar sobre esse projeto estávamos nos construindo enquanto pessoas negras e buscávamos perceber que esta identidade que é (re)construída a partir de relações entre-tempos, vinha de um passado no qual nem sempre nos pertencera. Um passado histórico que fora apagado e silenciado, nos livros, nas canções, nos documentos-monumentos da cidade. Com algumas questões martelando acerca da história do negro no Ceará falávamos sobre “buscar na memória”.

Mas afinal o que é memória? Segundo Jacques Le Goff, seria a propriedade de guardar/conservar certas informações, passadas ou interpretadas como passadas. Informações físico-psíquicas. Guardada nos corpos através dos sentidos. A memória age sobre o que foi vivido e recupera aquilo que outrora fora submerso.



A PLATAFORMA

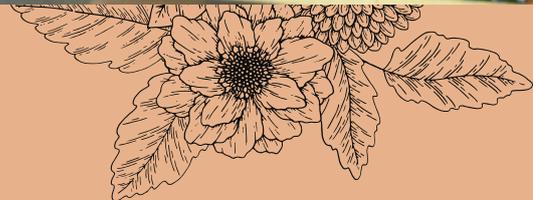
O objetivo deste projeto é construir uma plataforma digital com os arquivos coletados em pesquisa. Para esta primeira edição, coletamos a história de 4 pessoas negras, moradores e atuantes na cidade de Quixeramobim. Entrevistamos professores, artistas, pesquisadores, ativistas do movimento negro na cidade.

**MEMÓRIAS,
HISTÓRIAS,
RESISTÊNCIA.**

Fátima Alexandre



**"EU SOU FÁTIMA
ALEXANDRE,
SOU PROFESSORA,
TENHO 60 ANOS.
NASCI AQUI EM
QUIXERAMOBIM".**



Nossa primeira entrevistada foi a professora aposentada Fátima Alexandre. Quando pensamos nas pessoas que poderiam contribuir para o projeto, Samuel logo trouxe o nome dela. Fátima foi sua professora no Ensino Fundamental e ao pensar em seu nome veio junto a lembrança de uma pessoa que é referência de força, intelectualidade e afirmação de negritude. Encontramos ela na casa de sua mãe e explicamos o projeto, ela muito se animou, disse que tinha muitas histórias para contar e que seria muito gratificante conversar com a gente. Ela escolheu o local e ajeitou todo o espaço para o dia da entrevista, levando fotografias, cartas e cadernos de anotações.



"Meus pais são pessoas de origem muito humilde, mas eles fizeram tudo pra que eu tivesse oportunidade de estudar, porque desde muito criança eu dizia pra eles que eu iria ser professora. Então, por esse motivo eles me davam todo apoio que precisava pra me aprofundar nos meus estudos. Tudo que eu aprendi, eu digo que devo, em primeiro lugar, a Deus e depois à minha mãe que fez de tudo para que eu me tornasse professora."



O local escolhido para a entrevista foi a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Quando perguntamos sobre a relação dela com aquele espaço ela nos disse:

“- Eu devo minha devoção a Santo Antônio e tenho verdadeira alucinação pelo Senhor do Bonfim, o meu avô era grande devoto do Senhor do Bonfim e minha avó era grande devota de Santo Antônio, então eu tenho minha devoção que eu devo principalmente aos meus avós paternos. Porém, eu tinha uma amiga da minha avó, de nome Luzia, que ela era descendente de africana e ela cuidava dessa Igreja do Senhor do Bonfim. Trabalhava como sacristã. Muitas vezes eu passava aqui quando eu ia pra escola e ela estava limpando, aí ela batia nas paredes e chorava muito, aí ela dizia assim pra mim:

“Estas paredes foram feitas com sangue, suor e lágrimas. Sangue que brotavam das costas dos negros que carregavam as pedras para construir esta igreja. Suor que eles derramavam com o peso das pedras e lágrimas que derramavam com saudades da mãe África.”

Isso me deixava muito emocionada quando ela me dizia essas palavras e daí eu fui criando amor, amor a essa igreja... E eu tenho muito, muito apreço por Senhor do Bonfim.”

Durante a entrevista, Fátima contou mais sobre os momentos que passou na luta pela reforma e reabertura daquela Igreja, que foram muitos movimentos e luta para a reconstrução daquele espaço, que para ela representa fé, luta e ancestralidade.



Capela do Nosso Senhor do Bonfim -
Quixeramobim CE
Fundada em 1868



Making of - gravações /
Interior da Capela do Nosso Senhor do Bonfim

Na última sexta-feira, 18, a histórica Igreja Nosso Senhor do Bonfim teve sua tão sonhada reforma concluída. Há cerca de 40 anos o local estava fechado para realizações de missas e eventos de cunho religioso.

Com o trabalho desenvolvido por inúmeros voluntários e que teve à frente a coordenadora da Pastoral de Comunicação da Paróquia de Santo Antonio, Socorrinha Alexandre, e sua irmã, a professora Fátima Alexandre, juntamente com o pároco Padre Sérgio, vários eventos foram realizados e doações coletadas. Com isso, a Igreja e o Salão Paroquial foram reformados. Segundo Socorrinha Alexandre, toda a mobília e traços arquitetônicos foram preservados. Em entrevista concedida ao Sistema Maior de Comunicação, as articuladoras agradeceram a colaboração de todos que patrocinaram a reforma do local.

Recorte de uma notícia do Blog Quixeramobim Agora.
Postado em 23 DE MARÇO DE 2011



Interior da capela do Nosso Senhor do Bonfim -
Quixeramobim Ce
Fotografia: Alan Avelino



A professora nos contou também sua trajetória escolar e religiosa, e como os movimentos das pastorais da juventude e o ativismo social dentro da igreja lhe transformou numa pessoa de referência do movimento negro dentro da cidade de Quixeramobim.

Ao longo de nossa conversa Fátima Alexandre também nos contou sobre o “Grupo de apoio ao negro” no qual ela participou e realizou diversas atividades nas escolas do município, como palestras, oficinas e eventos. Fátima nos mostrou cartas para o dia 20 de novembro e contou da importância da realização de atividades nesta data.



**"ÀS VEZES, EU DIGO ASSIM, EU
NASCİ PROFESSORA, SÓ FIZ ME
FORMAR."**

**"Quando eu fui pra
sala de aula descobri
que eu ia ser uma
liderança.**

**Dentro da minha
vocaçãõ, dentro da
minha missãõ de
ensinar."**





[Fátima] – É assim, a minha madrinha de batismo, Valdenora Marques, ela era professora e a minha tia Luísa também era professora. Então, elas duas me influenciaram muito porque quando eu entrava na sala de aula delas, que era numa sala de uma casa no Remanso, eu me sentia como se eu fosse ela ali dando aula pra uma criança. E eu aprendi a ler com 6 anos de idade na beira do rio. “Por que na beira do rio?”. Porque a minha tia vinha, levava a gente pra tomar banho, lá no rio, onde ela morava, lá no Poço da Pedra, que é onde moravam os meus avós paternos, e ela pegava um garrancho e começa a escrever na areia, certo?, aquelas palavras e ficava perguntando. “Nós vamos escrever aqui o que é que começa com a letra A”, aí as crianças que estavam perto dela começavam a dizer: “água, areia”. “E o que é que tem aqui que começa com a letra P?” É peixes. E assim eu aprendi a ler na beira do rio escrevendo na areia.

**JUVENTUDE,
DIVERSIDADE,
IDENTIDADE,
RESISTÊNCIA.**

**Franciscana
Souza**



Franciscana Souza. Travesti. Preta Transfeminista. Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Pesquisadora na área dos estudos de gênero em uma perspectiva interseccional. Atualmente (2021) é Assessora dos Processos Internos no Instituto Terramar.



**BIXA
PRETA
PERIFÉRICA**

Franciscana faz parte da nossa vida, da nossa comunidade negra e de nossa jornada. Estivemos juntxs pensando o que seria uma juventude negra do sertão central e como articular essa militância. Escolhemos entrevista-lá porque sempre aprendemos muito quando ela fala. Porque ela é uma intelectualidade e uma pessoa que articula movimentos.

Nos encontramos pela cidade e logo estávamos juntxs, compartilhando sonhos e questionamentos.

Chegamos na casa da mãe dela, Dona Maria, que vê a gente também como filhos, obedientes que somos pedimos a benção e entramos, conversamos, brincamos com as crianças, almoçamos e logo depois ajeitamos os equipamentos e gravamos a entrevista de Fran, ali na sala da casa dela, com as crianças brincando e fazendo barulhos, com Dona Maria olhando tudo e se emocionando com as falas de sua filha.

Encontramos na sua fala potência, desejo de mudança e transformação. Ela nos conta sobre sua trajetória acadêmica e foi nos contando sobre sua construção identitária. Em como ela se vê hoje e como as mudanças que ela passou foram cercadas de alegrias, dores e lutas constantes. Franciscana nos encoraja a contar nossas narrativas a partir de nossas próprias experiências.

"(...) Eu não me permitia, ai em 2016 e 2017 eu comecei a andar na praça com as bixas, ai eu comecei a me permitir a usar outras roupas. (...) E eu fui me experimentando, experimentando meu corpo, até posteriormente eu me identificar como travesti."

"Pra mim me reconhecer enquanto travestir eu tive que resignificar o que é ser travesti pra mim"

"Eu fui construindo essa sigla da comunidade LGBT pra mim. Foi uma coisa que partiu de fora, mas eu tive que me apropriar."



Durante nossa conversa Franciscana falou sobre como não se reconhecia enquanto negra, apesar de sua família ser composta por mulheres e homens negros, o debate racial não chegava até eles e elas.

“- Não haviam referências positivas de identidade negra na escola, não haviam professores negros, nem bixas”

Vale ressaltar que em 2014 a população brasileira correspondia a 53,6% se autodeclarando negros/as (pretos/as ou pardos/as). E que em 2003 tivemos a promulgação da lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Ao entrar em contato com dados que apontam desigualdades existentes entre brancos e negros, na educação, entendemos a necessidade de que existam práticas políticas específicas para que se reverta o atual quadro.

Segundos dados do Ipea (2014) – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – os jovens pretos e pardos, que compõem a população negra, entre 12 e 17 anos (67,8%) abandonam a escola antes de concluir o ensino médio, diferentemente de estudantes brancos que permanecem em sua maioria (82,6%) na escola até o fim do terceiro ano do ensino médio.



Emprego para pessoas trans: o lento avanço no mercado de trabalho

Nesta sexta-feira (29), é comemorado o Dia da Visibilidade Trans

Estela Aguiar, do CNN Brasil Business, em São Paulo*

29 de janeiro de 2021 às 09:00 | Atualizado 03 de fevereiro de 2021 às 10:58

Compartilhar    

Associação aponta que 175 pessoas transexuais foram mortas no Brasil em 2020 e denuncia subnotificação

Todas as vítimas eram mulheres trans/travestis. Por falta de dados oficiais, casos foram contabilizados a partir de reportagens e relatos de organizações LGBTQIA+



Vereadores trans bombam nas urnas em SP, MG, RN e SE

16 de novembro de 2020 - Por Só Notícia Boa

Compartilhar      

PLANETA FUTURO >

A música trans negra que desafia o Brasil conservador

As artistas Linn da Quebrada e Jup do Bairro enfrentam o racismo e a transfobia ao ritmo de funk brasileiro com a produtora e Dj Badsista

STF vota sobre a criminalização da LGBTfobia

Para Franciscana chegar a universidade é motivo de comemoração e de lembrar de toda a sua resistência, da luta das pessoas que viaram antes dela.

“- eu entrei na universidade, não só pra mim, é para da uma vida melhor pra minha mãe, pras minhas irmãs, pra que a gente tenha uma casa, um carro, não pra esbanjar riqueza. mas o que eu tenho pra mim é um compromisso, porque minha mãe criou os cinco filhos sozinha (...) Pra onde eu vou eu carrego isso”

Elencar a educação como um fator decisivo para a vida de negros e negras brasileiras acaba por articular os grupos e as comunidades envolvidas no processo de emancipação dos corpos negros numa luta engajada para que toda a comunidade negra tenha a acesso a uma educação. Encontramos, pesquisando a história do movimento negro no Brasil que a pauta da educação e da permanência do povo negro na universidade ganhou força e engajamento. Conquistas que foram exemplo destas lutas foram as políticas de cotas.

**"EU TO LÁ PRA PERCEBER QUE
VÁRIOS OUTRAS BIXAS
LUTARAM PARA QUE EU
ESTIVESSE DENTRO DA
ACADEMIA, INCLUSIVE O
MOVIMENTO NEGRO."**



Ao entrar em contato com dados que apontam desigualdades existentes entre brancos e negros, na educação, entendemos a necessidade de que existam práticas políticas específicas para que se reverta o atual quadro. Segundos dados do Ipea (2014) – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – os jovens pretos e pardos, que compõem a população negra, entre 12 e 17 anos (67,8%) abandonam a escola antes de concluir o ensino médio, diferentemente de estudantes brancos que permanecem em sua maioria (82,6%) na escola até o fim do terceiro ano do ensino médio. E esses dados são ainda mais alarmantes no que refere a população Trans.

Construir contra-narrativas e ocupar espaços que outrora foram negados as pessoas negras e LGBT, é uma forma de resistir as opressões raciais, sociais e de gênero.



Franciscana - Evento em Quixadá
Fotografia arcevo pessoal / Elen Andrade



Making of - entrevista.
Fotografia: Alan Avelino



Making of - entrevista.

Fotografias: Alan Avelino e Elen Andrade

**HISTÓRIA,
ANDANÇAS,
PESQUISA E
MEMÓRIA**

Neto Camorim



Neto Camorim

Francisco Chagas da Silva Neto. Conhecido como Neto Camorim. Professor, pesquisador, Historiador e Sociólogo. Pesquisa a História do município de Quixeramobim, do povo negro e os caminhos de António Conselheiro. Atua no movimento cultural da cidade através da ONG IPHANAQ (Instituto do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural de Quixeramobim)







Foi numa manhã de sábado que encontramos o professor Neto Camorim pra conversar sobre a sua história em uma mesa da área de convivência do Liceu de Quixeramobim, escola em que trabalha. Antes de iniciar a conversa propriamente dita, já imaginávamos quantas histórias viriam, mas, de fato, percebemos que o ofício de historiador aguça a construção das falas minuciosas do nosso entrevistado e nos presenteia com histórias pouco conhecidas sobre o povo negro em Quixeramobim.



Com a infância vivida em Aroeiras e São Caetano, interiores situados entre Quixadá e Banabuiú, Neto cresceu vivenciando a cultura do vaqueiro, da pecuária, por parte de seu bisavô, avô e pai. Sua mãe, figura importante para o desenvolvimento de Neto, foi merendeira, como ele conta. Ambos responsáveis por fortalecer uma identidade sertaneja do filho, quando ainda pequeno, conectado à cultura do campo.

“SEMPRE VOU LÁ QUANDO POSSO, LÁ NO SERTÃO, PRA NÃO PERDER MUITO ESSA HISTÓRIA DO VÍNCULO, DA IDENTIDADE, QUE EU ACHO QUE ISSO É MUITO BOM PRA MIM. QUANDO EU VOLTO AO SERTÃO, EU ME REANIMO, EU ME REABASTEÇO, TRAGO OUTRAS HISTÓRIAS QUE ENRIQUECEM MINHAS PRÓPRIAS AULAS, ENFIM, PASSA POR AÍ.”





“MEU PAI É AQUELA PESSOA FOCADA NO SERTÃO, TRAJETÓRIA, TÁ SEMPRE REPASSANDO ISSO, CONTANDO AS SUAS HISTÓRIAS E CRIANDO ESSA IDENTIDADE. MINHA MÃE SEMPRE NESTA HISTÓRIA DO CUIDADO, DE TÁ SEMPRE LIGADA NESTA ORGANIZAÇÃO QUE EU TENHO, DE TÁ PRECUPADO FAZENDO TRÊS, QUATRO COISAS AO MESMO TEMPO.”

Morando em Quixeramobim desde 1994, Neto já se candidatou a vereador por três vezes, fato que pouca gente sabe, chegando a ser primeiro suplente obtendo quase 300 votos. Mas, foi em 94 que iniciou formalmente sua jornada de historiador, quando foi aprovado no vestibular da UECE. Anos após veio a fazer seu trabalho de conclusão de curso com o título “Escravidão e Abolição em Quixeramobim: a liberdade condicional e gradativa imposta pelos senhores proprietários (1850-1884)”.

Ainda na universidade, Camorim se deu conta de que era impossível seguir sem o seu reconhecimento racial. Quando na disciplina História do Brasil I leu um capítulo do livro “Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial” compreendeu como se deu o processo histórico de escravidão no Brasil e as suas heranças vividas no presente. “Não foi em casa, não foi na escola” e, como ele mesmo destaca, “não foi na universidade” que ele desenvolveu sua consciência racial, porque na sua graduação foi esse o único texto que tocou de forma profunda nos estudos sobre as relações raciais no Brasil.



Na mesma época, outro componente determinante no processo de afirmação e reconhecimento da identidade negra para Neto foi mediado pela Irmã Francisca, também conhecida como Irmã Chuchu. Ela o convidava frequentemente para participar dos movimentos e discussões promovidos pelo Projeto Agrupamentos Negros (PAN) junto com a Pastoral Negra, entidade vinculada à igreja católica e engajada em ações sociais direcionadas a negros e negras.

Como um bom historiador, o professor Neto Camorim munido de fontes diversas foi nos contando a trajetória da sua luta pela valorização da cultura negra e no combate ao racismo. Da sua fala se faz o registro da reexistência de negros e negras em Quixeramobim, recontando a história como sujeito, como pesquisador, como um homem. Fotos, trabalhos acadêmicos, artigos de jornal, catálogos etc. materializam, também, a história resgatada nesse projeto, que de uma forma natural, mas não menos surpreendente para nós, se entrecruzam como arquivos comuns de nossos/as entrevistados/as que guardam a memória do povo negro quixeramobinense em seus documentos, nas suas falas e nos seus corpos.

ARTE,
CULTURA,
RESISTÊNCIA
DO
POVO NEGRO

Mestre Lula





Mestre Lula, 41 anos, capoeirista e atuante no trabalho social, tem como nome de batismo Luís Correia Batista, apesar de ser reconhecido há muito tempo em Quixeramobim como mestre. Esse título já mostra o reconhecimento que Lula conquistou por onde levou a capoeira; o que só veio a se tornar oficial alguns dias após a nossa conversa. O Contramestre se tornou oficialmente Mestre, confirmando aquilo que muitos já reconheciam.

**"SEMPRE PASSEI POR CIMA DO
PRECONCEITO. EU SEMPRE FUI
ASSIM, QUANDO BOTO UMA
COISA NA CABEÇA EU VOU,
APRENDO, CORRO ATRÁS,
PESQUIÇO, QUE É PRA QUANDO
UNS QUE APARECEM E NÃO
SABEM EU VOU E EXPLICO O
QUE REALMENTE É, PRA VER SE
EU MUDO ESSE PENSAMENTO."**





Nascido no bairro da Maravilha, onde ainda hoje mora e onde nos recebeu, Lula nos contou que sua família descende de raízes negra e indígena. Seguindo o caminho de suas origens, ele deu seus primeiros passos na capoeira por volta de 1991, ainda sem imaginar que aquilo viria a ser pulsante em sua vida nas décadas seguintes para além de um ofício.

Vale fazer o registro que a capoeira em Quixeramobim se inicia de forma organizada e de modo contínuo passando por Lula com o grupo Alma Negra, que evidentemente acompanhado de parceiros e parceiras foi plantando no coração do Ceará a semente da resistência em diálogo com a cultura ancestral africana.



No início de sua carreira como capoeirista, Lula fez parte do grupo Muzenza e, na oportunidade, representou o estado num campeonato mundial ocorrido no Rio de Janeiro. Atualmente faz parte do grupo de capoeira Arte Brasil, o qual veste o abadá há mais de 12 anos, o mesmo número de estados por onde se encontra o grupo, que já se espalhou em mais de 8 países.



Do mais novo ao mais velho, entre mulheres e homens, Lula nos mostra como viver a capoeira como filosofia também faz parte da educação. Acompanhando a sua jornada em frente à Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, percebemos que a sua atuação como mestre e professor não se prende a ensinar apenas os aspectos práticos da luta, além disso se compromete com a cultura e com a cidadania, por meio das conversas com o grupo e com as conversas individuais, seja pra falar da história da capoeira, seja para aconselhar o melhor caminho para os mais novos. É como ele resume: “A capoeira é como um leque, ela tem várias coisas pra ser trabalhadas dentro de uma só”.





**ASSISTA AS ENTREVISTAS
NO YOUTUBE!**

Equipe Técnica



Kinaya - Diretora de Produção

Natural de Quixadá-CE. Professora de Língua inglesa, licenciada em letras inglês pela Universidade Estadual do Ceará (FECLESC/UECE). Pesquisa afrofuturismo na literatura e artes visuais. Tem a escrita como mais uma das formas de resistência contra o sistema racista. É autora dos livros "Versos livres, como nós" e "Eu conheço Uzomi".



Elen Andrade - Proponente do projeto

Mulher. Negra. Artista e Ativista. Faz parte do Coletivo de audiovisual do Semiárido ALGUEIRO e da produtora Ressonância Preta. Estudante de História na FECLESC/UECE. Formada em audiovisual. Trabalha com formação em artes visuais (fotografia, fanzines, audiovisual e cinema documental), ações cineclubistas e circuitos de conversas sobre artes com crianças e adolescentes no sertão central.

Equipe Técnica



Alan Avelino - Diretor de fotografia e Editor

Preto do Sertão. Um capoeira solto por aí. Estudante do curso de História pela UECE/FECLESC. Produtor audiovisual nas linguagens documentais e se arriscando na ficção. Fotógrafo documental reconstituindo memórias de um sertão que é materialmente preto.



Samuel Maciel - Pesquisador/Roteirista

Jovem, negro, cearense de Quixeramobim, graduado em Letras - Língua Portuguesa (FECLESC/UECE), produtor cultural, integrante do Coletivo e Produtora Cultural Ressonância Preta e membro do Coletivo de Audiovisual do Semiárido Algueiro. Realiza pesquisas nas áreas de Literatura Afro-brasileira, história e cultura afro-brasileira e trabalha com fotografia, roteiro e edição de vídeo.

Equipe Técnica



Weynes Matos - Produtor Executivo

Agente Cultural. Atuante nas áreas de formação e produção cultural, com suas principais atividades desenvolvidas em Quixeramobim, desde a década de noventa. Sócio Fundador e Conselheiro do Movimento Antônio Conselheiro em Quixeramobim - 1996 a 2004; Sócio Fundador e Conselheiro do Iphanaq (Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural de Quixeramobim). Coordenador do Projeto Patrimônio na tela - Oficinas de História, Linguagem e Prática em Documentário (2013); Coordenador do Projeto DOC SERTÃO - Formação em Audiovisual - Início 2015/2016.

REALIZAÇÃO



APOIO

Este Projeto é apoiado pela
Secretaria Estadual de Cultura
Lei nº 13.811 de 16 de agosto de 2006





www.ressonanciapreta.com.br/

